

Ajuste fiscal é única solução possível

■ Economistas defendem que até combate à inflação deverá esperar a reforma

LUCILA SOARES

Não há milagre que consiga baixar a inflação a curto prazo. Embora considerem que 30% ao mês é um índice quase insuportável, economistas de diferentes tendências avaliam que o ministro Fernando Henrique Cardoso tem mesmo que se concentrar em botar a casa em ordem.

Isto significa, fundamentalmente, o tão falado ajuste fiscal: corte de gastos, reforma tributária, negociação das dívidas de estados, municípios e estatais, ampliação do programa de privatização. Sem isso, não há âncora, prefixação, choque heterodoxo, nada que dê jeito na economia.

Ao contrário, qualquer medida pode causar absoluto descontrole. Para o ex-ministro Mario Henrique Simonsen (foto ao lado), o ajuste é tão vital que, “se for feito, todo o resto é complemento, e se não for, todo o resto será inócuo, se não for nocivo”.

Também para o economista Luiz Roberto Cunha, professor da PUC, o ajuste é tão importante “que põe em segundo plano qualquer alternativa posterior”. Por isso ele considera que a equipe econômica (da qual fazem parte seus colegas Winston Fritsch, Gustavo Franco, Edmar Bacha e Elena Landau) está no caminho correto.

O problema, apontado claramente por alguns e reservadamente por outros, é que o grande desafio do ministro é político, não técnico. Ele tem que administrar expectativas num país desorganizado e traumatizado pelas tentativas inúteis de domar a inflação.

E mais: o tempo é curto, 1994 é ano eleitoral (o que significa uma enorme pressão de gastos) e o governo Itamar Franco é muito heterogêneo, gerando dúvidas sobre o apoio que a equipe econômica terá.

Camargo e Malison, Francisco Assis e Langoni (abaixo), e Simonsen (D): consenso em relação ao ajuste fiscal

